

## SABEDORIA PARA VIVER Reflexões sobre o livro de Tiago<sup>1</sup>

Mário Francisco Tessmann<sup>2</sup>

### I. Apontamentos iniciais

Lutero escreveu no prefácio ao Novo Testamento de 1522 que os cristãos deveriam ocupar-se com “os bons e mais nobres livros do Novo Testamento”<sup>3</sup>, que em sua opinião na época eram os seguintes: o Evangelho de João, as cartas de Paulo e 1º Pedro. Eles são “o bom cerne e a medula dentre todos os livros”<sup>4</sup>. Além disto, o reformador expressou que pouco interesse tinha pela carta aos Hebreus, quase nenhuma simpatia pela carta de Tiago e mostrava-se bastante hostil ao livro do Apocalipse. Quando ele escreveu isto, o mundo ainda era cristão, sociologicamente falando.

Quase 500 após estas manifestações, os dias são absolutamente outros. Vivemos um tempo de acelerada diluição da cultura cristã na sociedade ocidental, em particular na brasileira. A intensa e desordenada urbanização foi, e ainda é, um dos fatores mais relevantes no desmonte daquilo que um dia pôde ter sido chamado de ethos cristão no Brasil. O cristianismo cultural está com os dias contados, para não dizer abreviados. Os dados preliminares do Censo Religioso de 2010, mesmo com todas suas limitações, apontam para uma sociedade brasileira mais multi-religiosa e simultaneamente secularizada. Nós estamos experimentando aquilo que Max Weber certa vez disse acerca das sociedades modernas: elas são politeístas em termos de valores!

O que, no entanto, tem a ver as afirmações de Lutero acerca dos livros bíblicos com a erosão de nossa cultura cristã? Aparentemente, nada! Mas se nos pusermos a olhar para “além das aparências”, vamos traçar linhas de conexão, que nos ajudam a compreender e a viver os nossos dias, naturalmente não sem “diversas provações” (Tg 1.2), como nos diz a linguagem bíblica de Tiago.

Façamos uma vez este esforço. No mundo da Reforma, como dissemos, a cultura era sociologicamente cristã. Lutero e os demais reformadores não precisaram se ocupar com questões que hoje eventualmente nos tiram o sono. Estes homens e mulheres dos dias da Reforma ainda criam que os Dez Mandamentos pertenciam a Lei Natural de toda espécie humana, que o cristianismo era a única religião possível e que a igreja-instituição era a única portadora do cristianismo. O mundo ainda estava em ordem, talvez não mais para os católicos!

Entre aqueles dias e os nossos existe uma série de acontecimentos, que aqui não nos cabe recordar em detalhes. Entretanto, é importante mencionar

---

<sup>1</sup> - Conferência Ministerial Sínodo Rio dos Sinos (18-19.10.2011), São Leopoldo.

<sup>2</sup> - Professor de Teologia Histórica da FATEV, Curitiba.

<sup>3</sup> - LUTERO, M., Prefácio ao Novo Testamento, IN: OSEL, Vol.8, São Leopoldo: Sinodal.p.127.

<sup>4</sup> - Ibidem, p.127.

algumas coisas, pelo menos, no campo da religião. Menciono aqui apenas 3 exemplos que tem a ver com nossa reflexão.

1. Com o surgimento das igrejas de estado na Europa após a Reforma, a religião tornou-se pesadamente burocrática. Era a religião da ortodoxia, que cria ter a verdade, e que precisava impor esta verdade a todos os seus súditos por meio da Igreja-Instituição. Com o advento da modernidade no século XVIII, este modelo de religião foi questionado intensamente a partir das noções de autonomia e liberdade do indivíduo moderno. Abra-se uma fenda entre as confissões das igrejas e a religião do indivíduo. A religião é assunto particular. Desta fenda aberta a mais de 2 séculos, nós colhemos hoje a enorme tensão entre a confissão da igreja e a religiosidade individual.

2. Mas a religião não se tornou apenas burocrática. Ela tornou-se também negócio, e negócio lucrativo. Em 1843, Marx escreveu um pequeno livreto com o título “A Questão Judaica”. Nele, o autor afirma: “

*“Este que aí vês a testa de uma respeitável corporação, iniciou como comerciante. Falindo o negócio, fez-se sacerdote. Este outro começou pelo sacerdócio, porém, ao dispor de certa quantia, abandonou o púlpito pelos negócios. Aos olhos de muitos, o ministério religioso é uma verdadeira carreira industrial”<sup>5</sup>*

O tempo em que vivemos sinaliza isto com muita evidencia. Das franquias religiosas do mundo neo-pentecostal aos esquemas gerencias, empregados numa parcela de igrejas históricas, as variações são apenas de intensidade, mas não substância. A religião tornou-se, desta forma, mais uma questão de mercado, de oferta e procura, assim como outros bens e necessidades de nosso cotidiano tais como saúde, educação e segurança.

3. A religião desvinculou-se também da ética. Foi-se em boa medida o tempo em que a religião apontava para algum tipo de proposta ética. Se é verdade que o protestantismo histórico legou a sociedade uma cultura de consciência ética – ou de um ideal de personalidade (Tillich) – é também verdade que estamos no fim desta era. A religião, e inclua-se aqui também o cristianismo do protestantismo histórico, tornou-se – falo agora do Brasil – uma atividade quase que exclusivamente cúltrica. O templo é o centro da religião e o sacerdote o centro do templo. À luz deste contexto, os critérios de conduta são estabelecidos pela cultura da sociedade em sua diversidade, e não necessariamente pelo grupo religioso.

Lutero ponderou em seus dias que os livros de Hebreus, Tiago e Apocalipse não estavam no interesse de seu horizonte imediato, como falamos acima. Entretanto, pensando no cenário de hoje, temos que olhar para estes livros de outra maneira. A crítica à religião burocrática de rituais, contida no livro de Hebreus, o juízo ao comércio religioso expresso em Apocalipse e a ênfase numa “simples sobriedade moral”(Barth)<sup>6</sup> de Tiago para os cristãos dispersos

---

<sup>5</sup> - MARX, K. A Questão Judaica, São Paulo: Centauro, 2005, p.47.

<sup>6</sup> - BARTH, K., Questões, compreensões e panoramas bíblicos. IN: A palavra de Deus e palavra do homem, São Paulo, Novo Século, p.50.

na terceira geração, fazem destes 3 livros bíblicos um recurso indispensável para nossa caminhada pessoal e ministerial em nossos dias, em função do que já afirmamos. Por uma questão ênfase, fiquemos com Tiago no momento, sem esquecer os outros dois e nem depreciar os demais livros da Escritura.

## II. A Carta de Tiago

### O ambiente sócio-histórico da carta

As informações sobre o surgimento da carta são escassas. Com a autoria associada a Tiago no prefácio (1,1), temos a indicação de um possível ambiente de cristãos, os judeus convertidos ao cristianismo nascente, como um eventual círculo para o surgimento e leitura da mesma. Além disto, o tipo de grego empregado na carta aponta para a linguagem falada nos centros urbanos do Império Romano, em nosso caso, com boas chances na região sírio-palestinese. É comum falarmos em carta, mas diversos estudiosos do Novo Testamento designam o livro de Tiago como “um escrito de parenético doutrinário, com o prefácio em forma de carta”<sup>7</sup>. Algumas discussões sobre o pertencimento ou não de Tiago ao cânone do NT estão registradas na História de Igreja de Eusébio de Cesária (HE III,23,10-24). Pessoalmente, Tiago parece-me uma espécie de Provérbios do NT, com sua junção de ditos, algumas vezes conexos, outras nem tanto.

Por fim, temas como fé e obras sugerem indicar que Tiago pertence à geração pós-paulina, onde judeus-cristãos e cristãos-gentílicos se debatem para compreender não apenas temas teológicos (fé e obras), mas também a vinculação cultural ao judaísmo ou seu relaxamento em prol de uma visão multi-cultural do cristianismo. Ou seja, o quanto o cristianismo é uma nova religião ou é apenas uma reforma do judaísmo, está também colocado no pano de fundo de nossa carta. Este tipo de discussão caracteriza a 3ª geração de cristãos, por volta dos anos 100 de nossa era. Diretamente associado a isto está o tema da ética para esta geração, em especial, no contexto da diáspora, dispersão. Ao longo de nossa reflexão, procuraremos voltar a estes temas. Sugiro agora que ingressemos no texto, visando sua compreensão e atualização.

## Capítulo 1

### Considerações Exegéticas e Hermenêuticas

**A. Saudação:** Tiago assume-se como “servo de Deus” e “servo de Cristo”. A expressão servo de Deus é uma fórmula já presente no AT, como podemos ver em 1 Cr. 6,34 e Es. 5,11. No NT, Paulo faz uso desta mesma expressão em sua carta aos romanos (Rm 1,1). Figuras como Moisés, Davi e também Jacó (Gn 32,10 e Is 41,8) eram nominadas como servos de Deus. Já a expressão servo de Cristo caracteriza o novo. Sua palavra não é mais uma palavra ao Israel histórico, mas sim ao Novo Israel, os cristãos, que se encontra agrupado

---

<sup>7</sup> - GOPPELT, L. Teologia do Novo Testamento, Vol.II, São Leopoldo, Sinodal, 1982, p.461.

simbolicamente em 12 tribos e na dispersão. A palavra dispersão é originalmente mais do que somente um aspecto geográfico. Ela remete ao modus vivendi de um grupo em minoria na sociedade. Ao escrever isto aos judeus cristãos da região siro-palestinese, Tiago quer recordá-los de 2 duas coisas: a. sua ética é distinta da cultura greco-romana, no qual o grupo está inserido; b. a razão para isto está na escatologia, visto que a diáspora significa transitoriedade, peregrinação (1 Pe 1,1;2,11). Ao introduzir o termo diáspora no prefácio de sua carta, Tiago assinala que o cristianismo é uma religião de transeuntes, de peregrinos a caminho. Sua relação com o mundo circundante não é de simples afirmação ou negação, de radicalismo ou acomodação (Bonhoeffer), mas sim dialética. Com outras palavras, afirma o mundo como criação de Deus (realidade penúltima), mas relativiza a sua cultura vigente em prol do mundo novo (realidade última) para o qual caminha (Fp 3,20).

**B. 2-18: Lutas e Aflições:** Neste primeiro bloco podemos ver a junção de diversos ditos, que aqui intitulamos de lutas e aflições. Para Tiago, os que crêem deparam-se ao longo de suas vidas com as provações, que ameaçam as suas vidas e a perfeição de sua existência. Não existe aqui uma menção explícita à natureza das provações. Podemos apenas deduzir indiretamente pelos temas apresentados na carta que fazem parte destas provações, sem serem as únicas, *as tensões oriundas das distinções sociais* (1.9-11; 2.1-7; 5.1-6), *a lida com a lei perfeita, lei da liberdade* (1,25; 2,12) e um razoável *equilíbrio entre fé e obras* (2,14-26). Mais adiante queremos voltar a cada um destes temas. Por enquanto, fiquemos apenas na menção.

Lidar com provações solicita perseverança, mas mais, solicita sabedoria. O conceito corrente de sabedoria no mundo antigo, e ainda presente no nosso, é de que sabedoria é uma capacidade racional, um atributo natural do ser humano, que ele emprega para distinguir o bem do mal, o correto do incorreto, o decente do indecente. Isto é uma compreensão grega de sabedoria. Tiago é um judeu-cristão. Para ele, sabedoria é dom de Deus: “O Senhor dá a sabedoria, da sua boca vem a inteligência e o entendimento”(Pv. 2.6). Na medida da necessidade, ela deve ser buscada. Deus não a nega, a quem o pede, seja ele cristão ou não (“que a todos dá liberalmente”1.5). Para o cristão, no pedido por sabedoria consta a confissão de sua fragilidade, de seus erros. Quando ele pede, ele ratificação a sua condição de pecador. Já para o não-cristão, seu pedido por sabedoria pode ser o início de sua caminhada com o Evangelho. A oração aqui é o recurso a ser empregado (“peça-a a Deus” 1.5) para a obtenção da sabedoria. Já sabemos que a sabedoria é necessária para lidar com as provações, com as adversidades que a vida nos apresenta. Se já sabemos *o onde* da sabedoria, cabe-nos indagar agora *o como* da sabedoria. Tiago aqui é curto e direto: “Mediante condigno proceder”(3.13). A sabedoria se apresenta e se entrelaça no cotidiano de nossas relações. Ela não é para Tiago uma cabeça cheia de “conceitos bem abotoados” sobre a vida, mas sim um jeito de viver que observa a dignidade dos que me cercam bem como a minha própria. O sábio é pautadamente relacional: ele é permeado pela gentileza, pela misericórdia e pelo bom senso, para mencionar alguns tópicos (3.17).

Pode alguém não receber sabedoria? Existe alguma cláusula impeditiva? Segundo Tiago, a dúvida trava a chegada da sabedoria. Curiosamente não é

colocada por Tiago a descrença como o fator de bloqueia a dádiva da sabedoria, mas sim a dúvida. Mas qual dúvida? No mínimo podemos distinguir entre a dúvida honesta, aflitiva (Karl Heim falava de intellektuelle Not – aflição mental), que padece com os questionamentos da dúvida soberba, cínica, pretenciosa, que não deseja respostas, mas que se basta em si mesmo. Se entendo corretamente, é contra esta dúvida que Tiago levanta seu protesto.

Quando se pede algo a Deus com este estado de espírito, não é possível esperar nada de Dele, visto que estamos fechados em nós mesmos. Quem assim pensa e age, entrega-se às circunstâncias, aos ventos da vida, sem rumo, sem direção, à semelhança das ondas no mar, “inconstantes em todos os seus caminhos”(1.8). Por isto, Tiago nos recomenda: quem quer sabedoria, peça-a com fé! Para evitar qualquer mal-entendido, cabe-nos neste momento uma palavra sobre o termo fé. Não se fala no NT de uma fé dogmática (que tem como pressuposto as afirmações trinitárias, cristológicas e etc e tal), mas sim de uma singela confiança que se debate com a própria descrença, como afirma o pai do jovem possesso: “Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé!(Mc 9.24). Por isto, a fé no NT é simultaneamente solicitação e dádiva: “Pedi, e dar-se-vos á; buscai, e achareis; batei e abrir-se-vos á”(Mt 7.7). É uma dinâmica, não um estado vigente, é tensão. Paul Tillich fala da dinâmica da fé, uma expressão que me parece muito feliz e apropriada para retratar este cenário numa linguagem atual. Esta indicação do NT acerca da fé é retomada por Lutero, quando ele fala da fé como confiança singela, sem “grandes conteúdos teológicos”. Segundo ele, ele é também uma fé continuamente tentada.

Para encerrar esta parte, menciono apenas algumas observações sobre os VV.9-18. Os versos 9-11 indicam a tensão existente nas igrejas da dispersão em função das diferenças sociais. Voltaremos a isto mais detalhadamente no cap.2. Já os versos 12-15 retomam o tema da provação. Diferente dos VV.2-5, o olhar aqui está posto não mais no benefício da provação, mas sim no risco. Algum desavisado de plantão pode querer responsabilizar a Deus pelo mal que lhe assedia e sobrevêm. Neste cenário, Tiago insiste na responsabilidade individual, sem querer dar a última resposta sobre o assunto do mal, seja ele de natureza metafísica ou moral. Sua constatação é curta e direta: o ser humano é responsável pelos seus atos. Na mesma linha de raciocínio está Paulo: “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isto também ceifará”(Gl 6.7). Na história não existe carma, mas sim responsabilidade. Por fim, os VV.16-18 nos recordam do cuidado regular de Deus, daquilo que Jesus menciona em Mt 6.25ss, dos braços celestes que atendem a todos em sua criação. Neste contexto, vale lembrar a bela explicação de Lutero no Catecismo Maior sobre o Pão Nosso.

**C.19-27: A saudável espiritualidade:** Ouvir mais, falar menos, e irar-se menos ainda, é a recomendação de Tiago. Mas como isto é possível numa sociedade como a nossa, onde há tantos estímulos para falar e onde, em especial no ministério ordenado, o reconhecimento passa, e muito, por uma fala bem-articulada? A cultura brasileira dá uma credibilidade muito elevada à retórica e as igrejas não escapam disto. O que fazer então? Deixar de falar? Não podemos. Mas podemos rearticular a equação entre ouvir e falar, reafirmando o espaço de escuta em nossa vida pessoal e da poimênica no

ministério. É bom que aqui, no entanto, assim como em outras áreas, não estejamos tão seguros rapidamente no sentido de já estarmos prontos “para ouvir, tardio para falar”. Se escutar é o primeiro serviço que um cristão presta ao outro, como afirma Bonhoeffer em seu livro *Vida em Comunhão*, cabe-nos ponderar que ainda temos um trecho a realizar nesta direção.

É indispensável ouvir, como vimos. Sim, em especial, é indispensável ouvirmos a palavra “em nós implantada, poderosa para salvar a nossa vida”(v.21). O conceito de palavra em nosso ambiente evangélico, inclusive evangélico-luterano, tornou-se por vezes por demais abreviado. Palavra é sinônimo de Bíblia em vários lugares. Nada de errado nesta afirmação. Ela é apenas insuficiente. A palavra que Deus “implanta em nossas vidas” não vem apenas da Bíblia, mas vem da oração, do diálogo fraterno, dos hinos e cânticos, dos sacramentos, como bem nos lembra Lutero nos Artigos de Esmalcalde de 1537. Indiretamente Deus nos fala através da criação, da história e das religiões (At 14.15-18; At 17.16ss; Rm 1.18ss). Esta palavra, por ser palavra efetiva e não apenas discurso, que tomar feição em nossa existência, destaca Tiago. Por isto, o apelo ao exercício da palavra, para tornar-se praticante, visto que esta é a natureza da Palavra de Deus. Ela não serve para legitimar o status quo, o quadro vigente, mas sim, na linguagem de Tiago, ela quer salvar, ou seja, mudar o que ela encontra. Logo, é impossível na visão de Tiago somente ser ouvinte. Este dilema retorna mais adiante no debate entre fé e obras. Dietrich Bonhoeffer pode nos ajudar aqui mais uma vez, quando ele diz todo o crente é obediente, todo obediente é crente. Ouvir e praticar dão solidez a casa de nossa vida (Mt 7.24-27). No fundo, quem ouve e não pratica, conforme Tiago é porque somente ouve a si mesmo, como alguém que se enxerga no espelho.

Mencionamos acima que o entendimento e a prática da *Lei Perfeita, Lei da Liberdade* (1,25;2,12) deveria ser considerada como uma das possíveis provações para os cristãos, a quem Tiago endereça sua carta. Esta 3ª geração de cristãos está exposta à cultura greco-romana de uma maneira mais intensa do que as gerações anteriores. A pergunta pelo “quo vades” em termos éticos emerge com bem mais força. O ambiente protegido da tradição judaica na região de Jerusalém e seus arredores aqui não existem. É preciso encarar o mundo greco-romano com sua religiosidade múltipla e sua ética aberta. Um pouco deste drama ético podemos encontrar já nas cartas de Paulo. Agora é a vez de Tiago responder aos seus endereçados, o que lhes é próprio, adequado como cristãos no contexto em que vivem. Para isto, Tiago faz uso de um termo da cultura helenística, usada em especial pelos estóicos e absorvida pelo judaísmo retrabalhado por Filo em Alexandria, que é a expressão Lei da Liberdade. Esta terminologia, aparentemente contraditória em si (onde alguém segue uma lei, ele não é livre), é usada por Tiago na mesma forma corrente de então: *A Lei torna livre, aquela que a segue*. Num contexto de anarquia de valores, como era o antigo mundo greco-romano, a ênfase na lei – como lei perfeita (Ps. 19,8) – como lei da liberdade é sociologicamente compreensível. Grupos minoritários precisam de normas claras para viver e preservar sua identidade em contextos de adversidade. Isto o judaísmo da diáspora conhecia muito bem. Os exemplos aqui se multiplicam na história do cristianismo e fora dele. Entretanto, nos não entenderemos corretamente a Tiago, se apenas

pensarmos que ele é um advogado da preservação da lei como algo ritual e ortodoxamente<sup>8</sup> correto. Isto não assegura a coesão do grupo. No contexto dele – e porque não dizer no nosso também – é o delineamento ético que pode oferecer alguma chance de sobrevivência a este grupo em contexto de diáspora. Por isto, sua definição de religião é de natureza moral e não cultural. Tiago não diz primeiramente “Cultue a Deus”, mas sim ele afirma: “Tu deves isto” (VV.26-27). Uma religião ritual em contexto anárquico de valores somente sobrevive no templo. Mas os cristãos, para quem Tiago escreve, necessitam uma palavra para além do templo, uma palavra de orientação específica para o cotidiano de suas relações diversas. Onde esta orientação é fraca ou inexistente, o risco do grupo se desagregar ou desaparecer é grande. Por outro lado, se este grupo de cristãos considerar “atentamente na lei perfeita, lei da liberdade” e nela perseverar – ou seja, mantiver a sua identidade via sua ética em diálogo ou quando for necessário em confronto com a cultura dominante – suas chances de sobrevivência são razoáveis. Discernir que compromissos são possíveis ou não com a cultura greco-romana, a ponto de não perder a identidade, eis aí o âmago desta provação a que estavam expostos os cristãos nesta geração. Por isto, que Tiago insiste que é indispensável rogar por sabedoria (v.5). Parece-me que nos encontramos em situação análoga. Nossa tarefa graciosa é também de preservar “a velha verdade do Evangelho”, redescoberta pela Reforma. Contudo, corremos dois riscos, e estas são “quem sabe” as nossas provações de hoje. De um lado, entendermos que a preservação da verdade do Evangelho se confunde com a repetição ad infinitum de fórmulas teológicas e modelos eclesiásticos do passado. Aqui vale o alerta de Bertholdo Weber, quando disse: “A estrutura autêntica da fé cristã está sempre aberta para novas formas de expressão e não nos dispensa da nossa própria reflexão criativa”<sup>9</sup>. Por outro lado, no afã de nos tornarmos acessíveis e contemporâneos, não distinguimos mais o Evangelho de nossa cultura religiosa e moral. Tudo é uma coisa só. A agenda da sociedade é a agenda da Igreja, e esta não tem mais a sua própria. Tecnicamente chamamos isto de religião cultural. Diante deste cenário, fica o alerta de Tiago: “Guardemo-nos incontaminados do mundo” (v.27). Perante estes cenários, e outros aqui não mencionados, entendo que nossa incumbência – diante destas provações ou provocações – é da zelarmos pelo Evangelho, pela Lei da Liberdade na terminologia de Tiago, sabendo que o mesmo quer ser simultaneamente preservado e atualizado.

## Capítulo 2

**C. 2.1-3: Não à discriminação:** O cuidado para com os pobres (viúvas e órfãos) é um tema recorrente na Bíblia. A tradição vetero-testamentária o testemunha de maneira exaustiva, tanto nas leis de proteção a estes segmentos bem como na crítica, por vezes, enérgica da pregação profética.

---

<sup>8</sup> - **Walter Bauer** em seu livro “**Ortodoxia e Heresia**”, escrito originalmente em 1934, nos lembra que aquilo que posteriormente foi definido como Ortodoxia nos concílios da Igreja Antiga perfazia o conteúdo da fé de não mais de 30% das igrejas no período do II e III séculos.

<sup>9</sup> -WEBER, B. Duas Palavras, IN: Thielicke, H., Crer – Informações sobre a fé, São Leopoldo, Sinodal, 2007, p.8. Neste sentido, **Barth** é mais incisivo: “A teologia e a igreja deste o início do mundo levaram mais ao adormecimento do que ao despertar, quando se trata da pergunta por Deus”. BARTH, K., Questões, compreensões e panoramas bíblicos. IN: A palavra de Deus e palavra do homem, São Paulo, Novo Século, p.43.

Para um judeu-cristão como Tiago este não era um tema desconhecido. O que está em jogo, no entanto, nestes versos iniciais? É a condenação dos ricos com sua riqueza? É exaltação dos pobres em sua pobreza? Ou ainda: é a crítica de Tiago ao sistema de direitos desiguais numa sociedade hierárquica e patriarcal como era tanto a sociedade judaica como a greco-romana? Quem sabe podemos encontrar um pouco de cada destas percepções nestes versículos, senão diretamente, talvez nas entrelinhas. Quero, no entanto, ser mais modesto na análise, se assim posso dizer. Atenho-me há algumas palavras ou expressões para tentar entender e descrever o que aqui se passa. O texto bíblico fala em mais de um momento de “discriminação (acepção, v.1); mostrades atenção (tratar com deferência v.3); distinção (v.4); desonrar (menosprezar, v.6); discriminação (acepção, v.9)”. Esta é uma terminologia que aponta para uma postura ética, considerada por Tiago digna de censura. O autor sabe que na sociedade em que está inserido é assim que se procede (VV.6-7). Entretanto, entre vós na será assim, já havia dito Jesus (Mt 10.43). Um novo modo de agir é, pois, solicitado desta comunidade na dispersão. Não há mais lugar para prediletos e desprezados. Todos estão em pé de igualdade tanto perante Deus, como perante as pessoas (Gl 3.15; 1 Co 12,13, apesar de viverem numa sociedade de direitos desiguais.

Tentar viver este “igualitarismo cristão de direitos”, numa sociedade tão desigual jurídica e economicamente falando, é com certeza uma das mais duras provações desta geração de cristãos. Sendo o encontro comunitário (v.2) o local de exposição destas intensas diferenças, pode-se imaginar que alguns, em especial os mais fracos, não desejariam estar mais presentes (Hb 10.25).

**D. 2.14-26: Somente a fé, que atua pelo amor, redime:** Eis aí um segmento da carta de Tiago deveras polêmico, em especial, para os herdeiros da reforma luterana. Em seu último prefácio à carta de Tiago, de 1546, Lutero escrevia: “esse Tiago não faz outra coisa senão promover a lei e suas obras, misturando as coisas indevidamente, de modo que me parece tratar-se de algum homem bom e probo que captou alguns ditos dos apóstolos e discípulos e os lançou no papel”<sup>10</sup>. Tiago, um bom homem, mas sem discernimento, segundo Lutero. Mesmo que o reformador tenha abandonado a expressão “epístola de palha” do prefácio a Tiago de 1522, ainda sim seu juízo sobre a carta e em especial sobre este segmento permanece bastante incisivo: Tiago contraria “frontalmente S. Paulo e toda outra Escritura”<sup>11</sup>. Não me cabe e nem é possível neste momento resgatar a memória dos séculos de debates entre os luteranos, e dos luteranos como outros cristãos, acerca de Tiago. O que posso, e desejo fazer, é apenas indicar algumas pistas de compreensão deste segmento polêmico de Tiago. Começemos por entender os argumentos de Tiago. Sua tese básica é a seguinte: **A fé sem obras não pode redimir**(v.14). Os VV. 15-17 mostram que a fé sem obras assemelha-se ao amor sem compromisso. Por isto, não basta um apelo formal à fé (v.17-18). Tal fé é possível de ser encontrada inclusive entre os poderes arruinadores (V.19). Para contraditar isto, Tiago mostra com dois exemplos da tradição veterotestamentária que a legítima fé está associada à prática: Abraão e Raabe. Em resumo, esta é a linha argumentativa. Estaria indo Tiago “frontalmente” contra

---

<sup>10</sup> - LUTERO, M., Prefácio às Epístolas de S.Tiago e Judas, IN: OSEL, Vol.8, São Leopoldo: Sinodal.p.154.

<sup>11</sup> - Ibidem, p.153

Paulo, como assevera Lutero? Se recordarmos rapidamente que Paulo fala de que a redenção se dá sem “obras da lei”(Rm 3,28), isto não nos possibilita dizer que a fé “não tenha obras”. Neste sentido, partilho da visão de Goppelt, quando diz que “Tiago não está polemizando contra a tese de Paulo, mas contra um lema dela derivado”. Ou seja, a crítica de Tiago vai contra “um cristianismo para o qual Deus e a justificação somente pela fé se tornaram teorias filosóficas, das quais se está convicto que já não influenciam o comportamento. Um tal cristianismo de convicções pode estabelecer-se em vários contextos. Pode ser um ortodoxismo morto que se afoga no intelectualismo; pode, de igual modo, ser um liberalismo cristão muito burguês, que vive de conformidade com o mundo e transforma a graça em graça barata”<sup>12</sup>.

### Capítulo 3

**E. 3.1-12: O Drama da linguagem:** Werner Elert, teólogo luterano da primeira metade do século XX, afirmou em sua *Ética*<sup>13</sup> que a linguagem é o que simboliza no ser humano a sua condição de imagem e semelhança de Deus, distinguindo-os das demais espécies do reino animal. Quando falo em linguagem, penso no uso articulado de forma consciente e racional da comunicação. Os demais seres do reino animal têm suas linguagens, contudo não elaborada da maneira como nós humanos. Como lidamos, no entanto, com a arte da comunicação, da linguagem é o tema que Tiago nos apresenta neste capítulo de sua carta.

Como alguém que ensina (que havemos/seremos, v.1), Tiago inicia com uma recomendação: “muitos de vós não devem ser mestres”. Ser mestre, em especial um mestre na arte da comunicação, era nos dias de Tiago uma das profissões mais buscadas. Recordemos aqui o exemplo de Agostinho de Hipona no quarto século. Os mais proeminentes bispos da Igreja Antiga eram retóricos por excelência, tais como Ambrósio de Milão e João Crisóstomo. Tiago, contudo, nos lembra que esta atividade não é permeada apenas pelo “glamour”, mas também por muitos erros. Por isto, ele sugere certa distância dela, visto que ela pode levar a muitos tropeços.

Ainda que o foco inicial destes versos esteja mais ligado à retórica, ao exercício público da fala dos que ensinam, podemos ver nestas linhas uma palavra orientadora para toda a igreja na dispersão. Fazendo uso de exemplos oriundos da filosofia estóica (cavalo, navio, feras, aves, répteis e animais marinhos), Tiago nos lembra que a língua – um órgão símbolo de nossa comunicação – não é apenas conduzida pelo raciocínio, como imaginavam estes filósofos, mas em especial por impulsos pouco racionais. Desde Freud sabemos que o ser humano carrega consigo um universo inconsciente, não sujeito a vontade e ao raciocínio construído. Neste ponto, Tiago faz uma constatação altamente contemporânea, no que se refere à linguagem: “Com a língua bendizemos o Senhor e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus. Da mesma boca procedem bênção e maldição” (VV.9-

<sup>12</sup> - GOPPELT, L. Teologia do Novo Testamento, Vol.II, São Leopoldo, Sinodal, 1982, p.469.

<sup>13</sup> - ELERT, W., Das Christliche Ethos, Erlangen, 1949, p.47

10). Ou seja, nossa linguagem, nossa comunicação está permeada pela ambigüidade, mais, pela contraditoriedade. Vejo aqui que a perplexidade de Tiago com relação à fala não difere da nossa. Também nós somos “capazes de construir com as mãos e os pés, e destruir o que foi feito com a boca”. A raiz desta contradição parece-me estar em nosso complexo mundo afetivo, que não se rege tão logicamente como imaginamos. Antes, pelo contrário, ele até se porta de maneira pouco natural (VV.11-12). Esta constatação leva Tiago a afirmar: “Se alguém não tropeça no falar, esse homem é perfeito e capaz de refrear também seu corpo inteiro”. Nesta mesma direção nos diz o autor de Colossenses: “A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um”(Cl 4.6). Seja na arte da comunicação, seja em outros âmbitos da vida, cabe-nos lembrar da boa palavra de Lutero, quando diz: Vivemos na realidade e aguardamos na esperança.”(Man lebt in re und wartet in spe).

**F. 3.13-18: Evitemos a sabedoria terrena:** Desde as primeiras gerações de cristãos, debate-se o valor do conhecimento oriundo do mundo circundante ao cristianismo para o mesmo. Paulo inaugurou esta discussão como suas conhecidas palavras acerca da Teologia da Cruz em 1 Co 1.18ss, onde ele defende a autonomia da revelação sem vínculo algum outro saber humano. Estas afirmações levaram autores como Tertuliano no II século a afirmarem que entre Jerusalém e Atenas não existe nada em comum. Entre nós são conhecidas as manifestações de desprezo de Lutero à Escolástica Medieval e em especial à Aristóteles, a quem ele designava de “filosofo pagão”. As teses de Heidelberg de 1518 são contundentes no sentido da negação de qualquer vínculo da revelação com o saber humano. No século XX, após Feuerbach, Barth foi o mais categórico em defender a autonomia da revelação. Com ele se concretiza a tese extrema de que “fora de Cristo, só me resta ser um ateu”.

O que encontramos nestes versos de Tiago, contudo, não é inicialmente uma polêmica em torno do conhecimento humano de Deus, de uma sabedoria filosófica que nos dê um acesso medianamente seguro acerca de quem Deus é. O que Tiago nos apresenta aqui é sua preocupação com o resultado ético da sabedoria que ele denomina de terrena, animal e demoníaca (v.15). Seguindo a lógica da carta, Tiago mostra-se mais uma vez atento às relações que vão sendo construídas pelas pessoas, sem, no entanto, detalhar-se minuciosamente nas questões reflexivas, mas sim nos possíveis fundamentos emocionais da conduta. Expressões como “inveja amarga e sentimento ambicioso no coração”(v.14), segundo Tiago, produzem “confusão e todo tipo de práticas nocivas”(v.15). Por isto, ou seja, por causa dos afetos distorcidos e do seu resultado ético, é que Tiago recomenda que se evite a sabedoria deste mundo e se busca a divina. Esta, por sua vez, está associada a um *modus vivendi* que favorece o convívio e organiza os afetos (VV.17-18). Procedendo como uma espécie de mentor espiritual, Tiago que ajudar seus irmãos na dispersão a que eles aprendam a distinguir a sabedoria “do alto” da “terrena” por intermédio de critérios conhecidos do cotidiano das pessoas.

## Capítulo 4

**G. 4.1-12: Conflitos Comunitários.** A formulação “entre nós/vós” não deixa dúvidas. O assunto são os conflitos comunitários. Tiago, fazendo uso de palavras densas como “guerras, discórdias, cobiça” descreve um cenário de vida em comunidade, que por um lado está longe de nossos sonhos ideais, mas que por outro, está próximo de nossa prática comunitária. Como ministros, somos chamados também para administrar conflitos, por vezes, bem mais do que gostaríamos. Nossos desencantos com as igrejas, onde já trabalhamos ou onde estamos no momento, por vezes beiram à raia do desligamento do quadro ministerial. Mas, porque isto acontece? São as igrejas assim tão problemáticas, tão complexas em suas tensões e conflitos? De certa maneira, temos que responder que sim. De outra feita, necessitamos reconhecer tão também o nosso alto grau de idealismo eclesial. Mais do que conflitos e tensões, nossas percepções de vida comunitária são pautadas por uma boa dose de senso de harmonia e serenidade. Às igrejas para quem Tiago escreveu, no entanto, como já vimos anteriormente, estavam expostas a diversas dificuldades de natureza externa e interna. Ao chegarmos no capítulo 4, tenho a impressão que ingressamos no “olho do furacão” dos dilemas comunitários. Aqui não há espaço para ilusões. Os que compõem a igreja são chamados inclusive de “infiéis”(v.4). Há pouco, ou nenhum espaço, para harmonia, serenidade e cultivo medianamente fraterno de relações humanas, pois se fala inclusive de “matar”(v.2). Dentro deste cenário, quero citar o prefácio à carta de Tiago, escrito por Eugene Peterson, um dos escritores cristãos mais singulares da atualidade, editado com sua tradução atualizada da Bíblia:

*“Quando um grupo de cristãos forma uma igreja, tudo pode acontecer de errado cedo ou tarde acontece. Os não cristãos, que observam de fora, concluem que não há nada de especial na religião, a não ser um negócio – e um negócio desonesto. Quem vive na comunidade vê a situação de modo diferente. Assim como o hospital recebe enfermos sob um mesmo teto e os trata como tais, a igreja recebe pecadores. Muitos não estão internados em hospitais, mas são tão doentes quanto os que estão. A doença deles ou não foi diagnosticada ou está sendo acobertada. O mesmo acontece com os pecadores fora da igreja. Logo, as igrejas cristãs não são, via de regra, comunidades modelo de bom comportamento.”<sup>14</sup>*

Esta descrição de Peterson parece-me feliz e oportuna, não apenas em relação às igrejas da diáspora para quem Tiago escreve. Esta descrição é um diagnóstico sensato e realista de muitas de nossas comunidades, isto sem nenhum desprezo ou falta de consideração. Realisticamente falando, estas são as pessoas, que como nós, fazem parte de nossas igrejas. Como diz um antigo exegeta do Novo Testamento, Adolf Schlatter, não é preciso muita perspicácia para “reconhecer a verdade desta palavra”<sup>15</sup> de Tiago.

Contudo, Tiago não nos convida ao fatalismo e a resignação perante às tensões comunitárias. Ele sugere como indicam alguns verbos tais como

---

<sup>14</sup> - PETERSON, E. A Mensagem, São Paulo: Vida Nova, 2011, p.1725.

<sup>15</sup> - SCHLATTER, A. Erläuterungen zum Neuen Testament, Bd.9, Stuttgart: Calwer Verlag, 1965, p.193.

“sujeitai-vos, achegai-vos, humilhai-vos”, entre outros, a fazermos outra jornada, a jornada do tratamento de nossos males. Neste sentido, no mesmo prefácio Peterson salienta que as igrejas “são lugares em que o mau comportamento humano é denunciado, combatido e tratado”. A luta, por vezes, é titânica. Os poderes arruinadores que existem dentro e fora de nós não dão trégua. Mencionando Schlatter mais uma vez, ele nos diz com uma boa dose de razão que: “O ser humano é inclinável, moldável com mais naturalidade pelos poderes arruinadores do que pela vontade de Deus”<sup>16</sup>. É por isto que Tiago insiste na sujeição a Deus. Quem a Deus se sujeita, este está próximo Dele, e assim é capaz de confessar sua culpa, quando ela de fato existe. Para Tiago, um ser humano se afasta de Deus, quando ele observa que suas mãos se tornaram instrumentos para a injustiça e a maldade. Contudo, o convite ao retorno permanece e as chances deste acontecer curiosamente estão mais próximas do publicano, o não integrante regular do povo de Deus, do que do fariseu, o integrante que maneja bem os usos e costumes da religião estabelecida, como nos mostra Jesus em sua parábola (Lc 18.13ss).

**H. 4.13-17: Quem pode prever o amanhã?** Quero fazer ainda aqui algumas breves observações sobre a nossa lida com o planejamento do tempo e da vida, à luz das afirmações de Tiago. O autor de nossa carta faz uso de uma figura nesta perícopes para nós, quem sabe já um tanto perdida no passado, a do comerciante judeu. Viajar e lucrar eram slogans de sua existência (v.13). O que poderia se interpor às estas práticas já de longa data estabelecida? Para Tiago, a resposta é curta e direta: a fragilidade da existência humana, ou seja, “não sabeis o que acontecerá no dia de amanhã” (v.14). Segundo ele, quem imagina ter em suas mãos o tempo, o curso da vida, age como se fosse o criador de sua própria existência e desconsidera a sua transitoriedade, sua condição de criatura passageira. Planeja sua vida como se ela fosse durar muito, quando na verdade ela não passa de “uma névoa que aparece por pouco tempo e logo se dissipa” (v.14). Estas são palavras intragáveis em qualquer tempo. Tanto nos dias de Tiago como em nosso tempo, agimos como seres que se criam a si mesmo, que planejam seu tempo e organizam sua vida, com um propósito bem definido: a maior satisfação possível com o menor esforço e o menor tempo gasto. Este *modus vivendi* secularista, isto é, sem nenhuma alusão a nossa condição de criatura e ao guiar de Deus, é designado por Tiago de soberba maligna. Para que se evite qualquer mal-entendido, Tiago não se opõe ao planejamento e organização da vida, mas sim, a ausência de Deus como referência e cursor destas ações. Sua afirmação é inequívoca: “Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo” (V.16). Este secularismo, este fechar-se-em-si-mesmo e assim viver, este negar a sua condição de criatura transitória é que está sob o fogo da crítica de nosso autor. A cultura contemporânea, inclua-se aqui a religião também, está permeada por este “viver como se Deus não existisse”, para usar outra vez um termo de Dietrich Bonhoeffer.

---

<sup>16</sup> - SCHLATTER, A., *Ibidem*, p.198.

## Capítulo 5

**I. 5.1-6: Advertência aos ricos:** Neste conjunto de versículos, o tema da tensão entre ricos e pobres é retomado (VV1.9-11;2.1-13), agora com especial advertência aos ricos. Seguindo uma linha profética que vem deste o AT e que passa pelo olhar atento de Jesus, Tiago reafirma a típica oposição entre o rico-descrente e pobre-mente. Não temos neste momento como resgatar em detalhes esta vasta tradição bíblica, que foi um dos temas geradores das teologias latino-americanas dos últimos 25 anos. Quero fixar-me apenas em algumas observações, feitas aqui por Tiago.

Nos versículos 1-3 nosso autor descreve o destino dos ricos. Estes julgam que podem viver de maneira sossegada, desfrutando de seus bens e prazeres (v.5). Entretanto, no entender de Tiago, isto não passa de uma ilusão. Os bens e benefícios que os ricos desfrutam ocultam sua condenação, que está mais próxima do que eles imaginam. O que condena, na verdade os ricos, segundo Tiago? A resposta está no versículo 4: “O salário retido com fraude pelos ricos proprietários”. Esta retenção, este “acúmulo de capital”, que proporciona aos ricos o desfrute “regaladamente da vida”, encurta as chances de sobrevivência dos pobres. Sem ser um teórico marxista, Tiago condena o acúmulo de capital não apenas como um pecado contra os pobres, mas como uma ofensa contra Deus, conforme já estabelecia a legislação social do antigo Israel (Dt 24.14-15).

A gravidade desta conduta dos ricos torna-se mais densa, quando se pensa que esta atitude ocorre “nos últimos dias” (v.3). A ausência do compromisso de justiça dos ricos para com os pobres neste tempo escatológico é absoluta estupidez para Tiago. Como é possível querer reter os salários dos trabalhadores, multiplicar bens e viver em prazeres, quando se está na eminência do fim? Para ele, somente pessoas absolutamente cegas, dominadas pela ideologia da satisfação no tempo presente e que perderam toda e qualquer percepção escatológica, e que conseguem proceder desta forma e ainda “condenar e matar” aqueles que clamam por justiça (v.6).

Parece-me que Tiago, além de ser um simples pregador da “sobriedade moral” (Barth), é um homem preenchido pelo entusiasmo escatológico, típico das primeiras gerações de cristãos. À luz desta visão, Tiago questiona e relativa, dito de uma forma mais ousada, as estruturas e as práticas vigentes em seu tempo. Ele não é um simples acusador moralista, como talvez a primeira vista possa parecer. Tiago é uma pessoa que tem consciência de que seus dias são os últimos, e por isto, convoca os que o cercam para que acolham este tempo como tempo de graça, como de esperança, de nova vida. Lutero também cultivou esta “consciência escatológica” perante os poderes de sua época, por vezes de maneira mais intensa, outras nem tanto. Pode-se dizer que uma boa dose de escatologia ajuda a corrigir os excessos legalistas, de um lado, e de outro, a acomodação à vida de satisfação “sobre a terra” (v.5).

**J. 5.7-20: Orientações diversas:** Os versículos seguintes (VV.7-11) ainda têm no pano de fundo o tema da escatologia. Ela agora orienta a perspectiva de Tiago para com os demais membros das igrejas na diáspora. O tempo da colheita de Deus está próximo, segundo pensa Tiago. Por isto, é hora de ser

paciente e aguardar o desenrolar dos acontecimentos como o agricultor espera, através do transcurso do tempo, a chegada “do precioso fruto da terra” (v.7). Aqui Tiago usa ainda os exemplos de Jó, com o seu sofrimento, e dos profetas com suas lutas. Aprender a esperar, crescer em paciência não são habilidades inerentes ao ser humano. Em especial em nossos dias, quando a velocidade dos acontecimentos parece multiplicar-se ao infinito, quando as decisões se tornam mais e mais imperiosas em breves espaços de tempo, aprender a aguardar pode ser a primeira vista uma desvirtude e um deserviço. Entretanto, Tiago insiste com os seus contemporâneos e conosco também que olhemos para os exemplos daqueles que esperaram e colheram o fruto no seu devido tempo. Neste contexto, vale lembrar a frase de Lutero, quando diz: sem exemplos é impossível crer. Sim, sem exemplos de pessoas que correram este risco de aguardar, nós seremos tomados pela compulsão da urgência. Esta nos diz que não podemos esperar, porque a vida é nossa e precisa ser feita pelas nossas decisões. Os que esperam, no entanto, tornam-se aprendizes de que o tempo e a vida não lhes pertencem, mas pertence sim aquele que é “cheio de terna misericórdia e compassivo” (v.11). Dentro deste cenário de espera, Tiago, contudo, não nos convida a ficarmos imóveis, sem fazer nada, absolutamente passivos. Antes, pelo contrário. O ânimo escatológico desperta a conduta para um convívio em busca da reconciliação e da irmandade. Segundo Tiago, nós nos preparamos adequadamente para a vinda do Senhor (v.8), quando estamos dispostos a nos perdoar e a vivermos uns com os outros, deixando de lado as reservas de parte a parte (v.9). O estímulo de Tiago, nestas linhas, é que os cristãos se tornem ativos no convívio fraterno e passivos perante o guiar generoso de Deus.

Nos últimos versos de sua carta, 12-20, Tiago nos deixa algumas regras comunitárias. Quero apenas mencioná-las, sem ingressar em maiores comentários. Elas são as seguintes: 1. a proibição do juramento (v.12); 2. oração e unção pelos enfermos (v.13-14); 3. a confissão mútua de pecados (VV.15-18); 4. a recondução à verdade.

Estas e outras normas de vida em comum eram usadas no judaísmo e Tiago as levou para as igrejas sob sua orientação. Neste sentido, o cristianismo judaico-cristão de Tiago ainda preservou fortes vínculos com a religião materna, o judaísmo. Por outro lado, as ênfases na misericórdia divina e na escatologia Tiago as têm da mensagem fundante do cristianismo, a partir do próprio Jesus Cristo.

Ao concluir este conjunto de reflexões, quero expressar um sentimento análogo ao de Karl Barth, quando este escreveu seu primeiro comentário da carta aos romanos em 1918:

*“Que muitas coisas não foram ouvidas e nem desvendadas, isto se tornou claro para mim ao final deste trabalho. Por isto, ele não quer ser nada mais do que uma atividade preliminar, que carece de colaborações”<sup>17</sup>.*

---

<sup>17</sup> - BARTH, K. Der Römerbrief, 15.Aufl., Zürich, Theol. Verlag, 1989, p.XII.